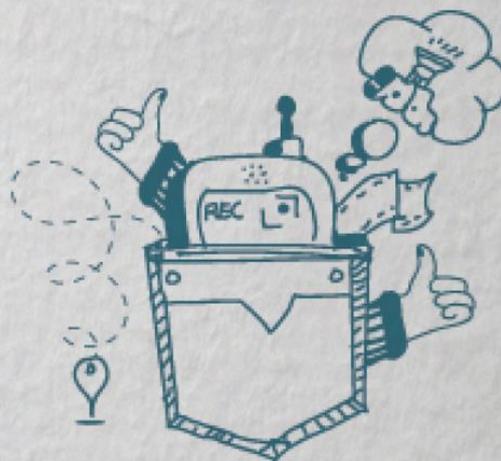


# E se Eu Fosse o Autor?



Lab de Práticas  
Pedagógicas Inovadoras  
MATERIAL DE APOIO

Realização:



**Escrito por Leila Dias e Alúcio Cavalcante.**

[diretoria@casadaarvore.art.br](mailto:diretoria@casadaarvore.art.br)

[www.casadaarvore.art.br](http://www.casadaarvore.art.br)

[\*\*facebook.com/ong.casadaarvore\*\*](https://facebook.com/ong.casadaarvore)

# SOBRE O PROJETO

Nos últimos quatro anos a ONG Casa da Árvore dedicou-se intensamente ajudar a escola pública a enfrentar uma crise que se agrava profundamente no Brasil: o desinteresse pela leitura entre crianças e adolescentes. Entre todos os inúmeros desafios compartilhados com professores, gestores, pais e alunos do ensino fundamental e médio, seja na cidade ou no campo, o incentivo à leitura foi o maior. A decisão de desenvolver um projeto que atue diretamente nesta problemática foi motivada pela nossa compreensão de que a leitura é uma das mais poderosas formas de construção do conhecimento. Entendemos também que as habilidades para leitura são fundamentais na formação de cidadão crítico, capaz de compreender sua realidade e de transformá-la.

No Brasil, as instituições responsáveis por avaliar o índice e a qualidade da leitura no Brasil, o brasileiro está cada ano lendo menos e cada vez com mais dificuldades. Diante desta crise o desafio é entender os motivos desse retrocesso. Como compreender a leitura em uma sociedade onde as telas, as redes sem fios e os programas de computadores estão cada vez mais presentes nos significados que construímos para o mundo? Como a escola pode se apropriar dessa cultura digital para ressignificar seu papel na formação desses jovens e voltar a incentivá-los a serem leitores?

Desde 2010 auxiliamos redes municipais e estaduais de ensino a construírem suas próprias respostas para esses desafios por meio do projeto "E se eu fosse o autor? – cultura digital e aprendizagem criativa". Não se trata de um modelo pronto, mas sim de uma estratégia para enfrentamento do problema, orientada para que cada comunidade escolar encontre, nas experiências culturais digitais de seus alunos e professores, uma forma própria de incentivar a leitura literária e o desenvolvimento de habilidades necessárias para a leitura crítica de um mundo conectado.

## REALIZAÇÕES



## REAPLICAÇÕES DA METODOLOGIA



## Veja os índices de leitura de livros entre crianças e adolescentes

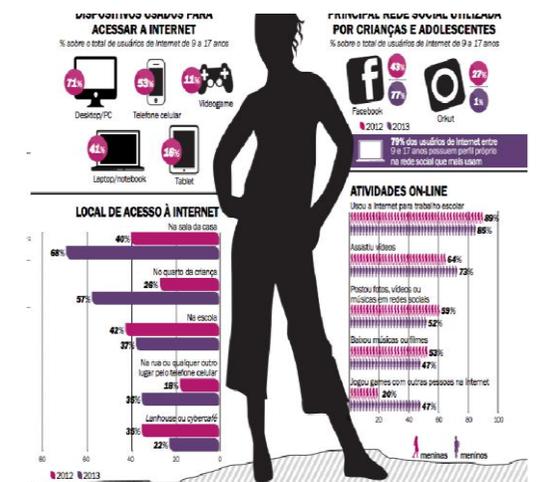


Fonte: Ibope Inteligência/Fundação Pró-livro .com.br

## 53% das crianças e adolescentes internautas no Brasil usam celulares

De Redação, com IDL News Service 06/08/2014 - 11:45 - Atualizada em 06/08/2014 - 13:14

A pesquisa TIC Kids Online 2013 ouviu 2.261 internautas entre 9 e 17 anos e registrou aumento também no uso das redes sociais

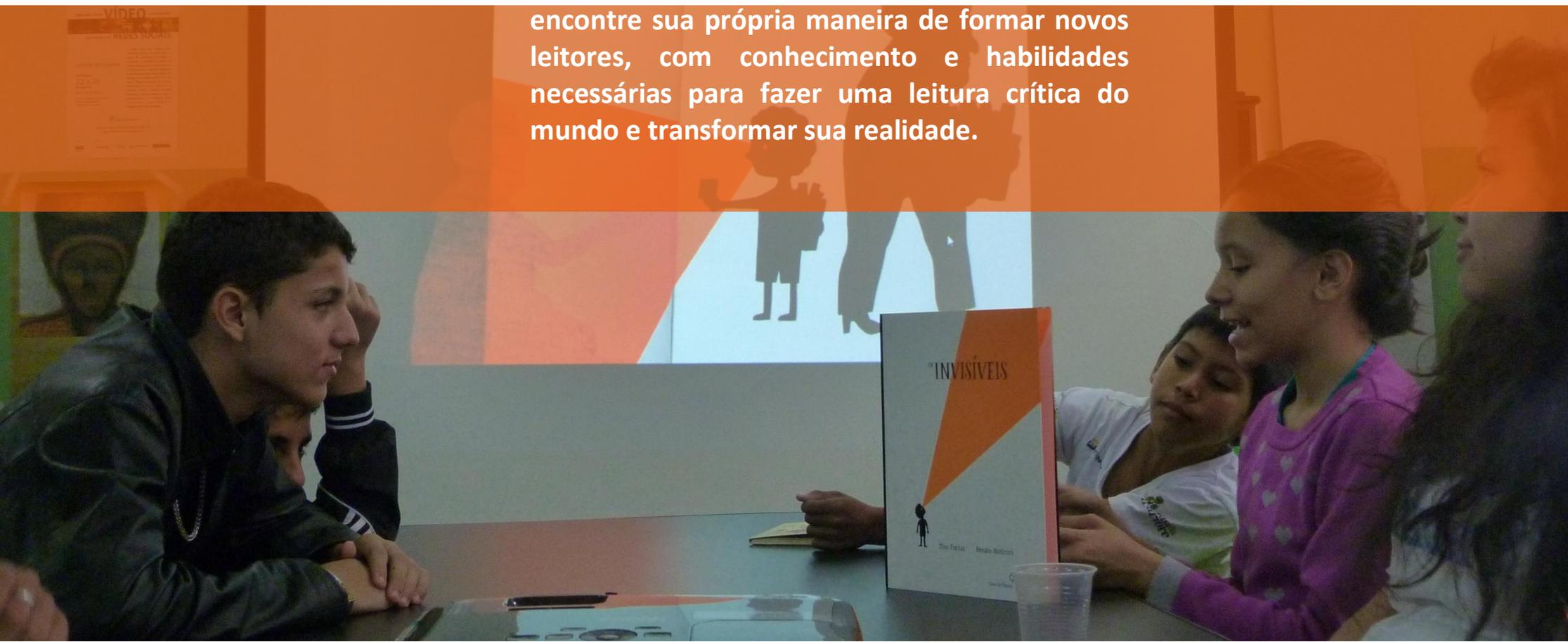




## OBJETIVOS

Orientado para promoção de pequenas transformações na comunidade escolar, o projeto E se eu fosse o autor? propõe-se a auxiliar redes de ensino a desenvolverem sua vocação para inovação em processos de aprendizagem e incentivo à leitura.

Nesse sentido, todas as estratégias adotadas e ações realizadas devem estar em harmonia com o propósito de que cada rede e unidade escolar **encontre sua própria maneira de formar novos leitores, com conhecimento e habilidades necessárias para fazer uma leitura crítica do mundo e transformar sua realidade.**



# ESTRATÉGIAS DO PROJETO

Para provocar os resultados desejados o projeto *E se eu fosse o autor?* propõe uma atuação centrada na transformação das pessoas. Por isso está organizado em um programa de formação continuada de professores, na ampliação da jornada de aprendizagem de leitura e tecnologia dos alunos e na mobilização da comunidade escolar em favor da leitura.

Acompanhando o calendário escolar desenvolvemos ciclos semestrais de atividades, levando a cultura da inovação para ambientes de gestão, salas de aulas, laboratórios de informática, bibliotecas e outros espaços culturais públicos, além de ambientes informais de aprendizagem.

## ***Estratégia 1) Escola Criativa Digital***

Programa de formação continuada dedicado a ampliar a experiência e habilidades didáticas e tecnológicas de professores por meio de experiência prática de desenvolvimento e autoria. Integra momentos coletivos de pesquisa, reflexão e produção coletiva com suporte individual na ampliação do conhecimento e no desenvolvimento de recursos didáticos, além de auxiliar a atuação do professor em sala de aula durante aplicação experimental.

## ***Estratégia 2) Laboratório Criativo de Leitura e Tecnologia***

Ambiente de experimentação e aprendizagem colaborativa destinado a atender alunos da rede pública, no contraturno da escola. Durante encontros semanais grupos de alunos se reúnem para explorar novas dimensões da leitura e da literatura, a partir da cultura digital. A motivação para as jornadas vem do desafio de produzir conteúdos multimídias e interativos como, vídeos, mapas digitais, e-book e ações em redes sociais. Assim, em um ambiente que estimula a criatividade, a participação e a reflexão os educadores da ONG Casa da Árvore mediam processos de aprendizagem resultado das experiências culturais de cada participante.

## ***Estratégia 3) Banco de Aulas Criativas***

Toda a experiência de construção de conhecimento mediada dentro das ações do projeto *E se eu fosse o autor?* resulta também na sistematização de planos de aula, sequências de didáticas, projetos e objetos de aprendizagem. Reunir, compartilhar, discutir e recriar esses conteúdos é uma estratégia de mobilizar rede de atores da educação pública em favor da melhoria da qualidade do ensino público.



# RESULTADOS

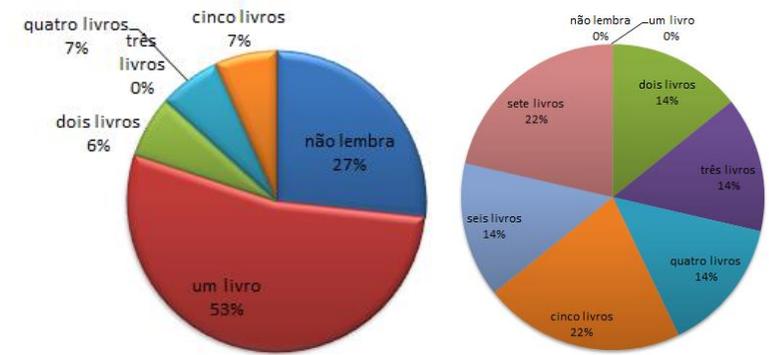
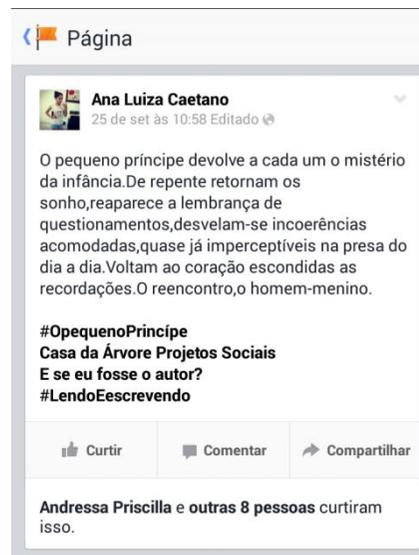
O principal indicador adotado para avaliar os resultados é a frequência de leitura literária dos alunos. Para isso aplicamos no início de cada ciclo do *Lab Criativo* o Marco Zero de Leitura, um questionário realizado de maneira orientada a todos os participantes da atividade. Ao longo da atividade utilizamos uma *Ficha Individual de leitura* para acompanhar a evolução. Desta forma identificamos características do hábito de leitura do aluno, suas principais motivações, a quantidade de livros literários lidos no último trimestre e características a apropriação que o aluno teve destas leituras. Comparando as médias históricas do último ano temos uma evolução significativa nesse indicador (gráfico ao lado).

Tão importantes como o aumento da frequência de leitura espontânea são as transformações sutis na relação dos participantes com a leitura, a literatura, as linguagens multimídias e sua visão sobre seu itinerário de aprendizagem. Os mecanismos de monitoramento e avaliação desenvolvidos pelo projeto permitem-nos perceber que os alunos participantes passam a identificar suas dificuldades de aprendizagem e encontrar suas motivações para enfrentar esse problema. Já no que se refere às habilidades tecnológicas é possível perceber transformações que geram um empoderamento, o protagonismo e de autonomia dessas crianças. Como declara os pequenos Carlos Eduardo (12 anos) e Ana Luiza (13 anos).

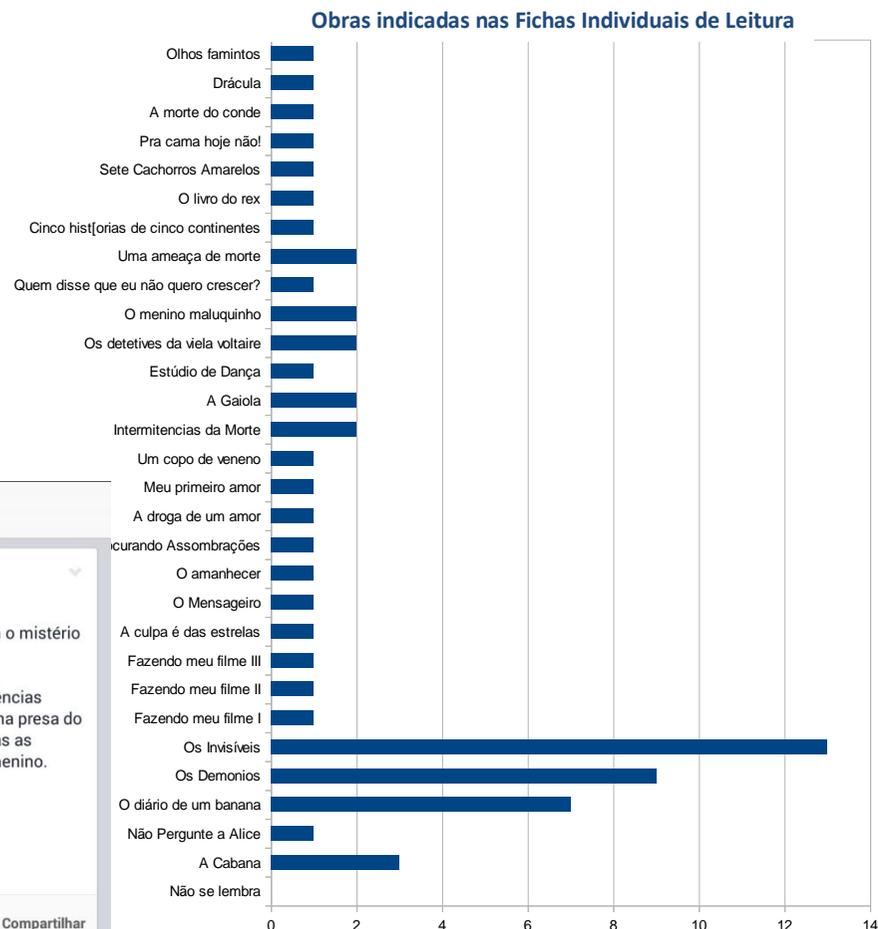
*Porque gostou do projeto?*

Porque eu aprendi muitas coisas novas, muitas dificuldades acabaram, eu tinha um problema muito ruim com a língua portuguesa, mas aqui eu melhorei muito aqui (com) os professores me ensinaram cada vez mais a ler, depois que eu entrei nesse projeto "E se eu fosse o autor?" eu li muitos livros e aprendi que, se você ler mais livros mais coisas você vai aprender e vai assim que hoje eu aprendi muitas coisas novas.

que está bem pro mim e aprendi a fazer coisas novas no computador aprendi uma coisa que nunca antes usava para contar o fundo de uma imagem e colocar outra.



FREQUÊNCIA LITERÁRIA: Antes do Lab Criativo      Depois do Lab Criativo



Andressa Priscilla e outras 8 pessoas curtiram isso.



Prêmio Telecentros 2014 Brasil



## + RESULTADOS

Recebemos os principais prêmios nacionais de inovação em 2014. Ao lado, espaços ocupados nos principais veículos de comunicação regionais e nacionais ampliando as discussões sobre o tema. Destaque para os parceiros nos municípios, em cerimônias de recebimento de prêmios em Brasília, Rio de Janeiro e São Paulo.

### Tecnologia a favor da literatura

Após a leitura de obras literárias, estudantes recriam histórias por meio de fotos, vídeos e redes sociais

**Sinclair Santos**  
Educação

Alunos da rede municipal de ensino de Senador Canelas (GO) estão recebendo uma "educação" da tecnologia no incentivo à leitura de obras literárias por meio do projeto "E se eu fosse o autor?".

Inspirados nos livros, eles se tornam autores das próprias histórias e podem consultá-las usando fotos, vídeos e redes sociais. Uma estratégia eficiente para levar o aluno se relacionar com a leitura, proposta pela ONG Casa da Arvore em parceria com a Prefeitura Municipal de Senador Canelas, por meio da Secretaria Municipal de Educação e financiado pelo Programa Integração Projetos Comunitários - IPC.

A cada oficina do projeto os alunos são desafiados a se transformarem em autores após a leitura das obras. Eles produzem vídeos, livros digitais e outras peças midiáticas. "Nosso objetivo é despertar pela Casa da Arvore que reconheça a necessidade de estimular a cultura de inovação em práticas pedagógicas entre nossos professores. Estes conteúdos foram feitos com a participação dos próprios alunos. A experiência na ONG com a tecnologia digital, associada à proposta que a equipe pedagógica da instituição tem em relação aos desafios da rede municipal de ensino, tem gerado resultados que estão sendo incorporados no nosso projeto pedagógico", informou a secretária municipal de Educação, Fabiana Biaz.

"O 'E se eu fosse o autor?' tem sendo desenvolvido desde o final de junho deste ano e em apenas três meses já aponta resultados positivos. De acordo com dados da Secretaria de Educação e Cultura do município o cenário mudou significativamente. Antes do projeto, 71,25% dos alunos não haviam lido literatura nos últimos três meses, e agora 37,65% dos alunos dizem se lembrar com clareza de terem lido de 2 a 4 livros.

A atual presidente da Casa da Arvore e também autora de educação e tecnologia, Leila Dias, está estudando os resultados do "E se eu fosse o autor?" em uma tese de mestrado na área de comunicação, cidadania e educação, que faz na Universidade da Paraíba, em Paraíba.

Os professores interessados em integrar o projeto são capacitados por uma equipe da Casa da Arvore e recebem suporte para serem multiplicadores em escolas que ainda não são desassistidas ações. Eles passam pela Oficina de Práticas Pedagógicas e depois são acompanhados pela diretoria de ensino da Secretaria de Educação.



O trabalho consiste em uma estratégia para aproximar os jovens da literatura



Nas oficinas os alunos têm a oportunidade de produzir vídeos e livros digitais



Smartphones e tablets são exemplos de ferramentas utilizadas para ensinar as novas histórias

### Prêmio Finep de Inovação

## Casa da Arvore é premiada

ONG RECEBEU PREMIAÇÃO PELO PROJETO E SE EU FOSSE O AUTOR EM CERIMÔNIA REALIZADA NO RIO DE JANEIRO

**Capas Bites**

A presidente da ONG Casa da Arvore, Leila Dias, recebeu o prêmio de Inovação em uma cerimônia realizada no Rio de Janeiro, em 12 de novembro de 2014. O prêmio foi entregue pelo governador do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral Neto, em uma cerimônia realizada no Palácio do Governo do Estado.

O projeto "E se eu fosse o autor?" foi desenvolvido em parceria com a Prefeitura Municipal de Senador Canelas, em Goiás. O projeto visa estimular a leitura de obras literárias por meio da tecnologia digital, incentivando os alunos a se transformarem em autores após a leitura das obras.

O projeto foi desenvolvido em parceria com a Prefeitura Municipal de Senador Canelas, em Goiás. O projeto visa estimular a leitura de obras literárias por meio da tecnologia digital, incentivando os alunos a se transformarem em autores após a leitura das obras.

### Prêmio ARede 2014 - Terceiro Setor | Capacitação e formação

Uma história, muitas leituras, saberes compartilhados

Projeto de incentivo à criatividade estimula o uso de cultura



Recebimento do prêmio ARede 2014 - Terceiro Setor em Brasília



Evento de lançamento do projeto em São Paulo

### UOL educação

Entender as grandes guerras é entender os dias de hoje.

### Projeto usa criatividade e tecnologia para estimular interesse pela leitura

Treine para o Enem

# Escola Criativa Digital

Programa de formação continuada de professores e educadores sociais

## O QUÊ É?

O *Escola Criativa Digital* é um programa de formação continuada que tem como objetivo ampliar as habilidades didáticas e tecnológicas de professores e educadores sociais no desenvolvimento de práticas de incentivo à leitura. Está organizado em quatro ciclos distintos, que podem ser realizados de maneira isolada ou integrada. São eles:

***Ciclo I – Laboratório de Práticas Pedagógicas Inovadoras (Lab de Inovação):*** Formação imersiva dedicada a identificar as habilidades e desejos de aprendizagens dos professores. Desenvolver projetos básicos de sequências didáticas de incentivo à leitura. Experiência de ampliação de habilidades tecnológicas e didáticas através de exercícios de criação e autoria. Carga horária: 30 horas presenciais.

***Ciclo II - Acompanhamento individual:*** Encontros individuais dentro dos horários de planejamento de cada professor, dedicados a desenvolvimento de recursos didáticos e ampliação das habilidades de acordo com cada projeto de sequência didática dos participantes. Carga horária: 4 horas presenciais para cada professor.

***Ciclo III - Labs Colaborativos:*** Série de três oficinas sobre abordagens educativas para redes sociais, mapas digitais, linguagens visuais. Atividades de formação complementar desenvolvida pela equipe da Casa da Árvore em parceria com os professores em formação. Carga horária 4 horas cada lab.

***Ciclo IV - Banco de Aulas Criativas:*** Publicação digital da série de sequências e recursos didáticos desenvolvidos pelos professores da rede durante o programa de formação continuada

A cada momento ou ambientes de aprendizagem coletiva os participantes são desafiados a criarem respostas para um problema:

*Como aproveitar as vivências de alunos e professores com a cultura digital para incentivar o hábito da leitura e desenvolver habilidades necessárias para participação social?*

Para criar um conjunto de práticas de incentivo à leitura propomos uma jornada de aprendizagem onde cada participante irá identificar as habilidades e competências

que lhe faltam para superar esse desafio e como pode construí-las em parceria com os colegas e equipe da ONG Casa da Árvore.

## **NOSSAS INSPIRAÇÕES E REFERÊNCIAS**

Como guias para essa caminhada, recorreremos a alguns autores que, além de nos trazerem conceitos e abordagens, nos inspiram e provocam.

### *Educação e transformação social*

A atuação da ONG Casa da Árvore está orientada pela compreensão de que a educação deve resultar em uma transformação social, na construção da cidadania. Acreditamos que para motivar essa transformação da realidade os processos de ensino devem ser construídos com o objetivo de desenvolver habilidades para leitura crítica do mundo e motivar a participação social.

Buscamos as reflexões de Paulo Freire para ampliar nossa ideia sobre leitura crítica, destacando a necessidade de construir aprendizagens contextualizadas, motivadas pelo desafio de transformação. “A leitura da palavra não é apenas precedida da leitura de mundo, mas por uma certa forma de ‘escrivê-lo’ ou de ‘reescrevê-lo’, quer dizer, de transforma-lo através de nossa prática consciente.” (FREIRE, Paulo. 2011, p. 120)

Mas como podemos transformar o mundo atualmente? O que precisamos aprender, que habilidades precisamos desenvolver para participar ativamente dessa sociedade cada vez mais conectada por telas e redes sem fios? As inquietações que impulsionam a concepção e desenvolvimento dos projetos da ONG Casa da Árvore nascem, sobretudo, do impacto que o desenvolvimento das tecnologias digitais vem provocando nas nossas relações, na produção de conhecimento e na nossa expressão cultural.

### *Sociedade da informação e os processos de aprendizagem*

Vivemos na “Sociedade em Rede” (CASTELLS, 1999), uma sociedade que está na transição dos meios de comunicação de massa tradicionais, para um sistema de redes horizontais de comunicação organizada em torno da internet. As tecnologias digitais, aliadas à capilaridade da internet estabeleceram uma nova forma de relação entre todas as esferas da nossa sociedade, na política, na economia, na educação, e no cotidiano das pessoas.

As crianças e os adolescentes que frequentam ambientes escolares vivem fora deles, num contexto cada vez mais digital. No entanto, percebemos que de uma maneira geral, apesar do esforço, a escola enfrenta dificuldades para trazer para dentro de seus espaços e práticas pedagógicas essas transformações. Entre as

consequências vemos medidas proibitivas que demonstram uma compreensão dos meios digitais como um vilão.

*[...] escola esconde e escamoteia seu conflito com a cultura audiovisual, reduzindo-a a seus efeitos morais, ou seja, traduzindo-a em discursos de lamentações sobre alguns meios – especialmente a televisão, o walkman, os videogames – que roubaram o tempo livre dos jovens, manipulam sua ingenuidade e idealismo, inoculam superficialidade e conformismo, fazendo-os os avessos a qualquer tarefa séria, desvalorizam o livro e a leitura exigente. (BARBERO, 2014, p. 64).*

É preciso que a escola, impulsionada pelos profissionais que a constitui, assuma a necessidade de rever o conceito de leitura, aproximando-o do contexto da cultura digital. As evidências demonstram ainda a urgência de uma auto-avaliação da condução do processo de incentivo a leitura desenvolvido nas práticas pedagógicas escolares. Talvez este seja um momento propício para esta reflexão, pois todas as esferas da sociedade estão passando por adaptações e se reconfigurando a partir dos novos processos e lógicas sob a ótica da sociedade em rede.

Entretanto, mantendo este posicionamento, exemplificado pelas leis de proibição do uso dos celulares, a escola perde a oportunidade de dar um importante contributo na formação intelectual do ser humano, imprescindível para compreender e se relacionar nesta sociedade digital. Assim, crianças e adolescentes acabam por não terem na escola um ambiente favorável à construção de uma compreensão crítica das oportunidades de emancipação e, sobretudo, dos riscos de serem conduzidos, involuntariamente, pela avalanche tecnológica para a vala comum do conformismo e da superficialidade.

*A resistência a uma ampla difusão nas escolas públicas das novas tecnologias da informação e da comunicação, sob o argumento de estarem inseridas na lógica do mercado e da globalização cultural, teria como efeito mais exclusão e mais seletividade social, uma vez que sua não integração às práticas de ensino impediria aos alunos oportunidades de percepção e emissão da informação, deixando-os desguarnecidos diante das investidas de manipulação cultural e política, de homogeneização de crenças, gostos e desejos, de substituição do conhecimento pela informação. (LIBÂNEO, 1998, p. 60)*

Assim, os jovens crescem sem desenvolver sua capacidade de reflexão e habilidades tecnológicas necessárias para o enfrentamento à manipulação cultural referida pelo

autor. Mais do que isso, a condição restritiva e cerceadora, em relação à cultura digital que ainda predomina nos ambientes escolares brasileiros, dificulta os alunos a constituírem uma capacidade de apropriação dos benefícios que as mídias digitais podem lhe proporcionar.

Benefícios que se valem da possibilidade da produção de conteúdo multimidiáticos, da construção do conhecimento de forma colaborativa e do incentivo ao protagonismo, que os levem a projetar suas ideias e sua voz, tirando-os da condição de meros espectadores frente às questões sociais.

*As novas tecnologias criam novas chances de reformular as relações entre alunos e professores e de rever a relação da escola com o meio social, ao diversificar os espaços de construção do conhecimento, ao revolucionar os processos e metodologias de aprendizagem, permitindo à escola um novo diálogo com os indivíduos e com o mundo. (PRETTO, 1996, p. 33).*

Mas estes benefícios só poderão ser conquistados através da educação para as mídias, através do ensinar, para que os jovens possam refletir e visualizar os caminhos possíveis para se fortalecer o uso destas mídias digitais e suas potencialidades de forma consciente, para que essas possibilidades façam de fato diferença positiva na vida dos jovens e não uma forma a mais de dominação cultural.

*Dizemos que essas possibilidades são potencialidades porque continuamos a ver, no mundo todo, a manutenção da lógica de criação de grandes monopólios, de concentração de grandes empresas em torno de apenas poucos grupos que continuam, como nos velhos tempos, a mandar e desmandar no nosso universo simbólico e de comunicação. Isso significa que não podemos nos contentar com simples apropriações dessas tecnologias, como se elas fossem, por si só, capazes de reverter essa situação. (PRETTO, 1996, p. 33).*

É preciso ensinar desde o uso instrumental até as formas de produção e de distribuição. Ensinar a lógica de funcionamento das grandes empresas de comunicação e suas ideologias e também sobre as potencialidades das comunicações individuais. Nesta última, vale ressaltar o grande potencial de emitir e receber informações a qualquer momento, com pontos de vistas diferenciados, o que pode ampliar a compreensão dos acontecimentos e também poder de entendimento, contrapondo à informação dominante das grandes empresas de comunicação.

Existe, nesta problemática, uma oportunidade de efetivar uma educação para as mídias como forma de ensino, proporcionado chance de oferecer para os cidadãos uma forma de compreenderem a comunicação como um direito de expressão e autorrepresentação. Assim sugere Jacques Gonet (2007), quando salienta que educação para a mídia pode ser um modo de iniciação às práticas democráticas, que promove uma cultura de argumentação. Existe também uma resistência às mídias como se elas fossem por si só capazes de gerar o conformismo, como se ela possuísse pensamento e atuasse independente do seu programador, o ser humano. As mídias são um instrumento, criado para e pelo homem e reflete sua relação com o mundo onde vive.

*O desenvolvimento dos meios de comunicação é, em sentido fundamental uma reelaboração do caráter simbólico da vida social, uma reorganização dos meios pelos quais a informação e o conteúdo simbólico são produzidos e intercambiados no mundo social e uma reestruturação dos meios pelos quais os indivíduos se relacionam entre si. (THOMPSON, 2002, p. 19).*

#### *Políticas públicas, mercado e práticas de ensino*

É preciso avançar nestas discussões, para uma efetiva atualização do modelo escolar no que refere a essas novas linguagens e pensá-lo de forma diferente. No Brasil, a partir da década de 1990, o Governo Federal passou a investir em infraestrutura, como por exemplo, no programa TV Escola (BRASIL, s/d). Com esta estratégia, repassou para a escola equipamentos, como a televisão, o vídeo cassete, projetores e conteúdos audiovisuais. Por outro lado consideramos pouco o estímulo à reflexão sobre o papel dessas mídias dentro da escola, como também foi pouco o estímulo à produção de conteúdos como forma de autorrepresentação e de valorização da criatividade e da autonomia.

Para Ferrés, (1998, p.10) “O vídeo torna-se muito mais que uma simples tecnologia. Para a escola é um desafio.”. Um desafio, pois exige um pensar que propões o uso não somente como suporte de conteúdos, para exibir filmes, mantendo a mesma característica das aulas expositivas.

Hoje, vemos essa mesma lógica sendo posta em prática pelos governos, que investem verbas em infra-estrutura e cerca de 92% das escolas urbanas possuem laboratório de informática. Porém, ao mesmo tempo, dados do Centro de Estudos sobre Tecnologias da Informação e Comunicação do Brasil (CETIC.br) alerta para a situação onde, mesmo informatizada, cerca de 90% das práticas pedagógicas diárias ainda são exercícios para fixação de conteúdos. Já nas aulas expositivas, que correspondem a 70% da prática pedagógica, o computador é usado em apenas 24% dos casos.

Desta forma, essas ações continuam a não demonstrar sucesso na melhoria da escola. Sobre isso postula Premsky (2010, s/p): “Infelizmente, a tecnologia não serve de apoio para a velha aula expositiva, a não ser da forma mais trivial, como passar fotos e filmes. Para que a tecnologia tenha efeito positivo no aprendizado.”. Exigir a entrada de todo este aparato tecnológico nas escolas sem estimular uma reflexão sobre como realmente elas podem ser usadas não será revertido em melhorias na educação.

### *Cultura digital e os desafios da escola*

Na execução de nossos projetos, a ONG Casa da Árvore busca assimilar cada vez mais os dilemas vivenciados no dia-a-dia das escolas e no ensino não-formal e informal desenvolvido pelos movimentos sociais. No centro desse desafio está hoje a necessidade de ressignificação da aprendizagem escolar, que continua sendo a principal responsável pela disseminação da cultura letrada e onde construímos a maioria de signos e significados que nos conduzem em uma compreensão do mundo.

Porém, quem vivencia o ambiente escolar (seja aluno ou professor) percebe claramente um isolamento, um fosso entre o mundo escolar e o mundo fora dos muros da escola. O primeiro com fortes resquícios de uma prática de ensino arcaica, pensada à luz da revolução industrial, que valorizava o trabalho manual, segmentado e analógico e outro mundo. Já o segundo, valoriza o trabalho colaborativo, a aprendizagem compartilhada em rede e a criatividade. Para Oliveira (1997, p.38): “É o grupo cultural onde o indivíduo se desenvolve que lhe fornece formas de perceber e organizar o real, as quais vão constituir os instrumentos psicológicos que fazem a mediação entre o indivíduo e o mundo.”.

O aluno, dentro da sala de aula recebe uma educação “bancária”, quando pouco interage e dificilmente é provocado a produzir conteúdos baseados na sua própria realidade. O aluno começa a perceber que o que se aprende nas disciplinas curriculares são conteúdos que exigem decoração e não interação. São formas de ensino que não valorizam o pensamento criativo. Assim, gradativamente, essa forma de estudo vai perdendo o sentido para crianças e adolescentes.

Sobre isso, Bauman (2013, p. 38) reflete:

*[...] quase todos os heróis contemporâneos das histórias de ascensão social – sujeitos que fizeram fortunas de bilhões de dólares a partir de uma única ideia feliz e de uma oportunidade auspiciosa, as encarnações atuais da ideia de uma vida de sucesso, de Steve Jobs, fundador da Apple, a Jack Dorsey, inventor do Twitter, e David Karp, fundador do Tumblr - , todos, sem exceção, se evadiram do sistema educacional.*

Muitos destes jovens empreendedores não se encaixaram nos moldes escolares e resolveram abandonar os estudos no seu modelo tradicional. O que não significa que deixaram de estudar e aprender. Com as possibilidades de acesso a internet, pode-se estudar em qualquer parte e a qualquer momento, a aprendizagem ganhou espaço para além dos espaços físico das escolas. Vê-se aqui a possibilidade de uma aprendizagem onipresente e sob demanda, onde se ampliam as possibilidades de busca por conhecimento.

Embora com essa possibilidade da aprendizagem ubíqua, as escolas ainda se prendem á lógica gutemberguiana de ensino. Para Lúcia Santaella (2011) todas as formas de ensino são válidas e importantes e uma não deve excluir a outra, mas a eleição de apenas uma, no caso os livros e manuais escolares, pode significar um contínuo atraso educacional.

Bem pouco tempo atrás, o ensino tradicional, recebido nas dependências da escola, ou da universidade, era visto como principal forma de se aceder ao conhecimento, que é materializado através de um diploma. Consequentemente, esse diploma era a garantia de um bom emprego, capaz de proporcionar uma vida tranquila e um sucesso profissional.

Com as mudanças na orientação do mercado internacional, voltado para ações de inovação, principalmente, nas áreas de comunicação, aliadas ás crises econômicas e a expansão das universidades públicas a segurança antes adquirida com os estudos agora se desestabilizam.

Com as crises econômicas as ofertas de trabalho diminuíram. Ao mesmo tempo o aumento das vagas em universidades, os profissionais capacitados aumentaram e com o mercado valorizando habilidades empreendedoras, pouco exploradas nas universidades, o mundo do trabalho tornou-se mais inflexível e concorrido, frustrando expectativas e aumentando a dificuldade de se ter sucesso, mesmo para os portadores de diploma.

As gerações que estão nascendo nesse contexto precisam ser mais estimuladas a compreender essa cultura de rede, empreendedora e colaborativa. É preciso estar em contato, ou pelo menos ser apresentado, desde cedo, a essas novas demandas, as novas profissões que emergem deste contexto digital.

Todavia, é preciso pensar a educação de forma com que ela não sirva somente à lógica de mercado. Como observa Sodré (2012, p. 227):

*Depois,   possível imaginar uma forma pedagógica que se abra para as competências ensejadas pela sociedade em rede tecnológica e relativize o modelo escolar, em favor de um maior encontro com a cidade real e com a diversidade das culturas. Mas isso não tem de ocorrer necessariamente*

*nos termos previstos pela pedagogia neoliberal dos intelectuais orgânicos do mercado mundial de educação, que visam basicamente a formação de “capital humano” adaptável as novas exigências da divisão do trabalho.*

Desta forma, o caminho passa a ser uma reforma educacional que priorize a formação de um ser crítico e consciente, capaz de interagir diante desta dinâmica mercadológica e social. Entrelaçar a ação pedagógica com a realidade do cotidiano é formar uma aliança para formação destes jovens estudantes, valorizando-os e não apenas o formando para ser um “capital humano”. Os ideais pregados pela cultura digital, como colaboração e compartilhamento podem ser uma luz para esse novo modelo, pois trazer para a educação essas habilidades seria uma forma de se valorizar e respeitar as experiências individuais.

Para Antônio Dias de Figueiredo (2010), no que se refere à educação para as mídias, é importante o jovem compreender a importância de se constituir como indivíduo consciente desta realidade complexa e mutável com que temos aprender a lidar, tendo uma educação que valorize práticas críticas, criativas e autônomas dos sujeitos envolvidos.

Todavia, não será uma tarefa simples para a comunidade escolar, pois grande parte dos professores que está em salas de aula não possui suas vivências baseadas na cultura digital. Desta forma, os professores não sabem muito bem o que fazer com essas novas tecnologias e o que realmente ela pode trazer de benefício nessa relação com seu aluno. Essa dificuldade inspira reflexões de Lévy: (2011, p.17): “Como inventar a linguagem quando jamais se falou, quando nenhum de seus ancestrais jamais proferiu uma frase, quando não se tem exemplo, a mínima ideia do que se pode ser uma língua? Por analogia, trata-se da nossa atual situação [...]”.

#### *Experiência e formação de docente na sociedade da informação*

A analogia apresentada por Lévy (2011) e citada anteriormente pode nos ajudar a refletir sobre de que forma o professor poderá lidar com esse novo comportamento e com essa nova linguagem dos alunos, uma vez que estas questões não fizeram parte da sua formação.

Percebemos um momento de desencanto da sociedade com a educação, como se a cada dia acreditássemos menos na transformação da realidade, na construção de um futuro melhor por meio da educação. Neste contexto Esteve (1995) atenta para o desafio enfrentado diariamente por professores na busca por reescrever seu papel. Segundo o autor, não há como o docente fugir da necessidade de integrar suas aulas aos meios de comunicação digitais, aproveitando a sua enorme penetração.

Mas a formação deste professor, que passa pela universidade, também não está inserida neste contexto digital, assim como a escola de ensino primário e fundamental, mantém as mesmas formas de ensinar que perduram há séculos.

Entendemos ainda que, neste contexto da sociedade da informação, para suprir as lacunas deixadas pelos sistemas de ensino dedicado à formação de profissionais da educação, sobretudo professores, é preciso favorecer o desenvolvimento de um perfil de profissional que indaga, investiga e que busque compreender sua prática pedagógica (Faria, Toschi. 2013).

Instrumentalizar o professor com essas habilidades possibilita sua compreensão acerca da complexibilidade que hoje envolve a atividade docente em todos os aspectos, proporcionando o agir sobre a realidade e o reconstruir socialmente, a partir da atuação docente. A reflexão constante e a busca e investigação podem suprir essa deficiência que prejudica a situações educativas nos tempos de mudanças. (Faria, Toschi. 2013, p. 181)

O conceito de *laboratório (lab)* dentro desse programa de formação continuada visa justamente abrigar esse desejo de investigar, experimentar, criar soluções. Assim esperamos que os educadores encontrem inspirações e potencial educativo em diferentes contextos sociais e tecnológicos. Citando Martín (1998), Faria e Toschi (2014) acreditam que a formação do professor na sociedade da informação só pode ser coerente se houver essa reflexão sobre a prática.

Os *laboratórios* desencadeados por este programa visam a construção colaborativa de conhecimentos tecnológicos a partir da imersão nas experiências particulares de cada professor com os recursos e processos digitais. Isso implica redescobrir a tecnologia e suas linguagens a partir dos seus na vida cotidiana de cada profissional.

Ao começar uma jornada de formação identificando o que já sabemos sobre o impacto das tecnologias digitais e o que desejamos saber, favorecemos uma construção de vínculos mais íntimos entre o professor-participante da formação e o próprio itinerário de descoberta/aprendizagem.

É a partir da reflexão sobre esse impacto que as linguagens e processos computacionais provocam na sociedade que construímos os vínculos e a relação com o currículo escolar. Isso distancia esse programa de formação continuada de professores de uma abordagem meramente instrumental, diminuindo o risco da falsa sensação de que “dominar o computador” é a única forma promover inovação nos processos de aprendizagem.

## LAB DE INOVAÇÃO

### *Laboratório de Práticas Pedagógicas Inovadoras*

É a atividade pela qual nós desencadeamos o programa de formação continuada de professores *Escola Criativa Digital*. Diferente de um curso o *Lab de Inovação* é um momento e um ambiente de aprendizagem coletiva onde os participantes são desafiados a criarem respostas para um desafio:

*Como aproveitar as vivências de alunos e professores com a cultura digital para incentivar o hábito da leitura e desenvolver habilidades necessárias para participação social?*

Nossa meta é:

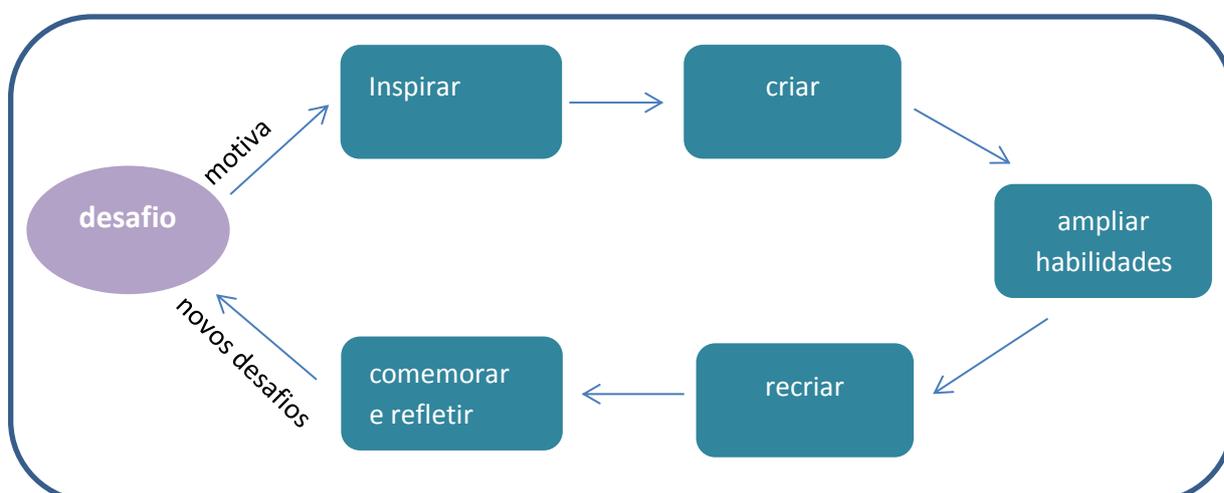
*Criar um conjunto de práticas de incentivo à leitura com possibilidade de aplicação em escolas de ensino médio, fundamental, educação infantil ou movimentos socioculturais.*

Para isso o propomos uma jornada de aprendizagem onde cada participante irá identificar as habilidades e competências que lhe falta para superar esse desafio e como pode construí-la em parceria com os colegas e equipe da ONG Casa da Árvore.

É fundamental nesse momento que todos construam uma relação de corresponsabilidade na construção do conhecimento e nesse sentido, ter clareza do caminho a ser percorrido pode ser uma questão decisiva para o bom aproveitamento e o sucesso da atividade. Sobre corresponsabilidade, consideramos como “o vínculo ideal (...) que se dá quando os indivíduos se sentem efetivamente envolvidos no problema e compartilham a responsabilidade pela sua solução, entendendo a sua participação como uma parte essencial no todo. É gerada basicamente por meio de um sentimento de solidariedade (FRANCO, 1995)

*Itinerário: Ciclo de Aprendizagem Criativa*

Os processos de aprendizagem construídos nas ações do projeto são desencadeados por desafios. É a partir desses desafios que as situações de aprendizagem são organizadas, seja individual ou coletivamente, sugerindo um itinerário. A este itinerário denominamos *Ciclo de Aprendizagem Criativa* pode ser descrito em seis momentos:



Compreender o caminho proposto para o *Lab de Inovação* é fundamental para compreender a abordagem didática proposta pela ONG Casa da Árvore e, conseqüentemente, refletir sobre o papel do professor nos projetos e aulas a serem criadas ao longo da atividade. O *Ciclo de Aprendizagem Criativa* inspira-se no conceito de “professor problematizador”, de Paulo Freire (1986) e na estrutura didática proposta pela metodologia de Aprendizagem Baseada em Problemas (*PBL - Problem Based Learning*).

Aprender a partir de problemas significa, resumidamente, que os participantes devem “buscar respostas a questões complexas, muitas vezes multidisciplinares, e devem apresentar um produto final como resultado de suas pesquisas. Nesse meio tempo, enquanto planejam, organizam e executam o projeto, eles se deparam, na prática, com situações em que precisam trabalhar harmonicamente em grupo, lidar com opiniões diferentes, comunicar aquilo que estão pensando, defender seu ponto de vista e criticar os que não consideram ser adequados. Tal qual na vida.”

*(trecho extraído da reportagem Desafiar, pesquisar, descobrir, produzir e apresentar, por Patrícia Gomes – Porvir.Org - <http://goo.gl/DsZF6k> )*

De uma maneira em geral cada ciclo compreende um itinerário completo, com resultados e processos possíveis de serem avaliados. Eles podem ser compreendidos como uma orientação geral para organizar um conjunto de atividades (um projeto ou sequência didática) ou mesmo para ajudar a conduzir dinâmicas específicas ou aulas (unidade de um projeto com várias etapas).

Na prática, a lógica do ciclo de aprendizagem pode determinar as etapas de uma sequência didática orientada para a produção, por exemplo, de uma série de histórias em quadrinhos ou mesmo servir de fio condutor para a construção da habilidade para edição de vídeo.

Cada encontro entre mediadores e participantes deve ter um ciclo de aprendizagem completo, mesmo que suas motivações e seus resultados façam parte de um projeto maior.

*Desafio:* É fundamental verificar se o desafio proposto é significativo para o grupo participante, uma vez que a motivação para aprender virá, sobretudo, desse problema a ser resolvido. Um bom desafio deve estar profundamente relacionado à realidade dos participantes, deve propor questionamentos amplos capazes de estimular reflexões sobre a capacidade e a responsabilidade de cada um na superação desejada.

Também é fundamental que o desafio seja descritivo e apresentado textualmente de maneira clara, que todos os participantes conheçam os significados dos termos usados na sua descrição, exigindo muitas vezes a construção de um glossário próprio para cada desafio.

*Inspirar-se:* Esse é o momento em que o desafio é destrinchado em problemas e são levantadas hipóteses para solucioná-lo. Nesta etapa os participantes são provocados a revisitarem suas experiências de vida, seus conhecimentos prévios relacionados aos problemas. Esse mergulho no universo de referências particulares pode ser ampliado com pesquisa e até experimentações.

*Criar:* Nesta etapa do ciclo o mediador também participa de maneira intensa, reunindo os resultados das reflexões e pesquisas feitas, categorizando e refletindo sobre a contribuição de cada grupo e facilitando a construção de uma proposta coletiva para resolver o problema. Uma

proposta materializada em esquema gráfico ou texto descrevendo as ações que precisam ser realizadas para tanto.

*Ampliar habilidades:* Esta etapa do *Ciclo de Aprendizagem Criativa* é subdividida em três momentos: identificar habilidades, ampliar habilidade e compartilhar aprendizagem. A partir do caminho escolhido para resolver o problema ou superar o desafio, os participantes são convidados a identificarem na proposta quais habilidades e competências o grupo já tem e quais precisam ser desenvolvidas. Esse exercício pode ser realizado tendo como suporte o esquema gráfico ou texto resultante da etapa anterior.

Feito isso é hora de ampliar as habilidades, ou melhor, aprender a desenvolver novas habilidades. Identificadas as necessidades de aprendizagem os participantes deverão dividir a responsabilidades na construção desse conhecimento, podendo isso ser materializado na divisão de grupos de descoberta. Definir tempo e outras formas de quantificar uma meta desta etapa pode ajudar a aumentar a motivação dos participantes.

Com as demandas de aprendizagens identificadas e distribuídas em os grupos participantes o papel do mediador passa ser gerenciar o tempo, os recursos e otimizar a apropriação das habilidades já existentes no grupo para a construção de novas.

É recomendado que, em uma turma com diversos grupos de participantes, o mediador distribua seu tempo entre participar de fato do desafio de aprender algo novo para e observar as relações de aprendizagem que são construídas neste período. Com isso será possível identificar necessidades criar alternativas para melhorar a experiência que ali se constrói.

Para que a construção do conhecimento não se dê de maneira fragmentada na lógica dos Ciclos a aprendizagem só se completa no momento que é compartilhada com o grupo. Para isso, todo o processo de desenvolvimento de novas habilidades deve estar associado a momentos em que os participantes vão compartilhar com os amigos tudo aquilo de aprendeu e que pode ajudar os demais participantes a solucionarem o desafio proposto e outros que ainda virão.

Neste momento cada um exercita suas habilidades para ensinar o colega, descobrindo novas formas de compartilhar suas experiências de maneira sistematizadas e possíveis de serem reaplicadas outras situações de aprendizagem. A etapa pode ser finalizada com a pergunta: Conseguimos superar o desafio proposto?

*Recriar:* Ao responder ao questionamento ao final da etapa anterior do ciclo, o grupo terá a oportunidade de identificar, olhando para a proposta criada na segunda etapa (*Criação*), se a solução criada coletivamente responde plenamente o desafio proposto. A reflexão será enriquecida pelas experiências de ampliação das habilidades, quando os participantes, possivelmente, terão encontrados outras formas, mais eficientes ou mais interessantes, de responder ao desafio proposto. Assim, este momento o grupo poderá recriar a ideia original e transformá-la.

*Comemorar e refletir:* Como o propósito de destacar as recompensas que o grupo teve ao se lançar em um ciclo de aprendizagem, orientamos a realização de momentos de celebração. O exercício básico é refletir sobre o que mais gostou de fazer durante o processo, o que achou mais

difícil e o que aprendeu de melhor. Nesta etapa vale destacar as transformações particulares, os pequenos desafios criados e superados no caminho escolhido. Com esta reflexão é possível provocar o grupo participante a identificar novos desafios

### *Dimensões da Leitura e Cultura Digital*

Para os autores, este é um momento importante em nossa história, pois contrapõe habilidades diferentes entre as gerações atuais e as anteriores. A geração anterior – 1990 – apresenta uma forma de leitura linear, com começo, meio e fim, e busca prioritariamente caracteres. Estão acostumados a receber informações unilaterais, ou seja, assistir TV ou ler um livro, mas quase nunca os dois ao mesmo tempo, o que caracteriza um ser analógico.

Outro objeto que vem mudando hábitos, na atual geração, é o telefone celular. Ainda segundo Ween; Wrakking (2009) quando este pequeno dispositivo deixou de ser apenas um recurso para chamadas de voz e passou a ser utilizado para escrita de mensagens, uma nova prática de escrita e leitura se estabeleceu. As mensagens restringiam o número de caracteres a serem utilizados e de certo modo condicionou aos usuários usar uma forma sintética de escrita, com abreviações de palavras e objetividade de informações. Assim, acabou-se por surgir traços de uma cultura linguística peculiar, mais resumida, rápida, que não se prende a detalhes ou complementos (referindo-se aqui a elementos da sintaxe da Língua Portuguesa).

Embora o contato com esta nova estrutura narrativa se dê de maneira mais intensa entre os “nativos digitais”, é impreciso afirmar que, pelo simples fato de ter nascido na última década, uma pessoa apropria-se naturalmente desta estrutura narrativa característica dos dispositivos móveis, desconsiderando para esta análise o nível de escolaridade, o arcabouço cultural e outras características socioculturais que influenciam, diretamente, sua capacidade de ler e escrever.

A geração atual, quando em condições de fácil e grande acesso as redes, são influenciada, principalmente, pelas formas multimidiáticas possibilitadas pela navegação na internet, buscam ler, primeiramente, de imagens e não mantêm uma leitura linear, buscam pedaços de informações que constroem um conceito geral; recebem a informação de forma multilateral, os dados estão por todos os lados e eles controlam esse fluxo de acordo com suas necessidades. Mas apesar de proporcionar essa atitude autônoma de protagonismo e uma busca mais objetiva de conteúdos, Nicholas Carr (2012, p. 117) adverte: “Não vemos a floresta quando pesquisamos na Web. Nem se quer vemos as árvores. Vemos ramos e folhas.”. Com base nesta analogia é preciso pensar sobre nossa conduta durante a navegação para que esse imenso fluxo de informação encontrado no ambiente virtual seja convertido em conhecimento e não seja desperdiçado proporcionando apenas um saber superficial.

Além desta fragmentação de informações que podem não incentivar a busca por um conhecimento mais amplo, as formas multimidiáticas também podem causar distração ao usuário. Já que neste ambiente virtual são muitos os estímulos: vídeo, texto, áudio, propaganda e mensagens. As hiperligações da internet exigem uma disciplina e compreensão de seu uso para que suas potencialidades possam ser emancipadoras.

Este momento de transição ainda causa incertezas e exige uma reconfiguração de todas as esferas da sociedade. Por isto este é um momento chave para refletirmos sobre como poderemos repensar as metodologias de ensino visando uma proposta pedagógica moderna e atualizada de acordo com as necessidades destes tempos digitais.

### Curtindo outras

Jovens contam por que estão deixando o Facebook de lado



### CURIOSIDADES – Zapzap

#### Presente em mais celulares no Brasil, WhatsApp bate chat do Facebook

*Instalado em 79% dos smartphones, app de bate papo lidera no Brasil. Média de aplicativos de mensagens nos celulares de brasileiros é de 2,6.*

*Do G1, em São Paulo - 26/11/2013 19h55 - <http://goo.gl/7I2Cn5>*

No Brasil, o aplicativo de mensagens WhatsApp está presente em mais smartphones do que o app Facebook Messenger, segundo o levantamento “Guerra de Messenger – Como o Facebook perdeu a liderança”, da firma de pesquisa OnDevice, que foi divulgado nesta segunda-feira (25).

A empresa ouviu 3.759 donos de celulares inteligentes, aparelhos que rodam o sistema Android e iOS, do Brasil, Estados Unidos, África do Sul, Indonésia e China. Dentre esses países, o Facebook Messenger lidera apenas nos EUA, onde está presente em 46% dos aparelhos, enquanto o WhatsApp foi instalado em 35% e o Twitter, em 24%.

No Brasil, a distância entre o alcance entre o aplicativo para bate papo da rede social e o seu rival é maior. Enquanto o WhatsApp chega a 72% do total de smartphones, o Messenger atinge 49%. O Skype aparece na terceira posição, instalado em 30% dos dispositivos.

Ainda de acordo com o estudo da OnDevice, 86% dos brasileiros usam aplicativos de mensagem por dia. Do total de entrevistados no país, 67% disseram que enviam e recebem mensagens mais de dez vezes por dia.

Faz-se necessário observar ainda o grande impacto que as novas tecnologias digitais estão causando na relação entre o livro e leitor. Esse impacto vem provocando modificações no perfil dos leitores. Perfis estes que se mantiveram, praticamente, intactos durante a última grande revolução na cultura livresca antes da era digital. Para Chartier (1998) a revolução da prensa de Gutemberg pode-se dizer, aconteceu muito mais no plano da confecção e da disseminação e acesso do que propriamente com as suas características e formatos, o que certo modo não alterou o processo propriamente do livro e a forma do leitor o ler. Assim, tanto o homem antigo, quanto o homem moderno mantiveram, de certa forma, o mesmo processo de leitura.

Mas manter o mesmo processo de leitura não implicou, necessariamente, em manter o mesmo comportamento diante da leitura, como nos orienta Santaella (2011) ao discorrer sobre momentos do nosso processo histórico e os três tipos diferenciados de leitores: o contemplativo; o movente e o digital.

O leitor contemplativo, que surgiu no século XVI era aquele que se debruçava sobre o livro com calma, geralmente, em locais silenciosos como a biblioteca. Esse leitor tem o seu tempo dedicado exclusivamente aquele momento da leitura, sendo o mundo exterior, naquele momento, deixado para fora das páginas lidas e caracteriza-se por ser uma leitura individual, silenciosa de um número consistente de páginas. Era um momento de concentração e uma relação íntima com o livro.

No que concerne às várias transformações passadas na sociedade, principalmente, pela revolução industrial, quando muitas pessoas passaram do campo para as cidades e o tempo se tornou importante na rotina das pessoas, surge o leitor movente/fragmentado. Este leitor não se dedica tanto a leituras complexas, demoradas e com índices elevados de concentração, porque sua vida exige mais rapidez. Por consequência, nesta época surgem os jornais e as revistas com notícias mais fragmentadas, diretas e apelativas.

Mais recentemente, com a internet e as suas páginas cheias de hiperligações recursos multimídia, vimos surgir outro tipo de leitor: o imersivo/digital que se caracteriza por ser “diferentemente do leitor do livro, que tem diante de si um objeto manipulável, a tela sobre o qual o texto eletrônico lido não é mais manuseada diretamente, imediatamente pelo leitor imersivo.” (SANTAELLA, 2011, p. 32).

Se entre o leitor contemplativo e o movente a relação com o objeto a ser lido não teve grandes alterações, a relação comportamental foi bastante alterada como observamos nas definições contrastantes dos tipos de leitores. Já esses dois tipos leitores se difere do leitor digital em todos os sentidos. O leitor digital é impactado pela forma do objeto em que lê. Posicionado agora diante de uma tela, o manuseio do texto pelo leitor segue uma nova lógica, ou melhor, uma outra lógica, que se distancia cada vez mais do ordenamento tradicional da leitura (da esquerda para a direita) e configura-se de cima para baixo, lembrando até a forma de manipulação do texto em rolo, como observa Chartier (1998, p.16): “o leitor eletrônico assemelha-se ao da antiguidade, pois discorre o texto diante de seus olhos assim como o atual.”.

Mesmo quando percebemos um movimento da indústria tecnológica em recriar interfaces de leitura digital, que permitam um manuseio da tela similar ao de uma página impressa, os recursos e funcionalidades adicionados trazem à leitura elementos da navegação, como a busca por termos (Ctrl+F). Deste modo, na história do livro é a primeira vez que o formato da leitura também é modificado, criando assim novas relações entre o texto lido e o leitor.

Muito mais se altera se o meio onde o leitor faz sua leitura estiver conectado com a internet, pois aí, neste ambiente a leitura sofre impactos grandiosos. Mesmo sem quebrar a linearidade da leitura, o texto imerso no ambiente virtual online integra-se a outras linguagens de uma maneira mais direta, a partir dos recursos de designer e ilustração com imagens em movimento e sons, privados quando o suporte de leitura se dá por meio da página impressa. Já com os hiperlinks essa linearidade é quebrada e o leitor passa a ter a possibilidade de, a partir das conexões estabelecidas entre termos do texto com outros conteúdos, integrar sua experiência leitura do texto com outros textos, dispostos em outros ambientes e/ou plataformas. Nesse sentido o leitor pode ampliar o conhecimento sobre o conteúdo lido ou mesmo se perder no emaranhado de informações do ciberespaço e distanciar-se do seu objetivo/objeto de leitura.

*Leitura na escola: função didática x função social*

(Extraído de *Ler e escrever na escola – O real, o possível e o necessário*, Artmed 2002)

Aprender a ler e escrever na escola deve transcender a decodificação do código escrito, deve fazer sentido e estar vinculado à vida do sujeito, deve possibilitar a sua inserção no meio cultural a qual pertence, tornando-o capaz de produzir e interpretar textos que fazem parte de seu entorno. Torna-se, então, necessário reconceitualizar o objeto de ensino tomando por base as práticas sociais de leitura e escrita, ressignificando seu aprendizado para que os alunos se apropriem dele 'como práticas vivas e vitais, em que ler e escrever sejam instrumentos poderosos que permitam repensar o mundo e reorganizar o próprio pensamento, e em que interpretar e produzir textos sejam direitos que é legítimo exercer e responsabilidades que é necessário assumir.

Para tornar real o que compreendemos ser necessário, é preciso conhecer as dificuldades que a escola apresenta, distinguindo as legítimas das que fazem parte de 'resistências sociais' para que então se possa propor soluções e possibilidades. A tarefa é difícil porque, a própria especificidade do aprendizado da leitura e da escrita que se constituem em construções individuais dos sujeitos agindo sobre o objeto (leitura e escrita) torna a sua escolarização difícil, já que não são passíveis de se submeterem a uma programação sequencial. Por outro lado, trata-se de práticas sociais que historicamente foram, e de certo modo continuam sendo, patrimônio de certos grupos, mais que de outros, o que nos leva a enfrentar e tentar buscar caminhos para resolver as tensões existentes na instituição escolar entre a tendência à mudança (democratização do ensino) e a tendência à conservação (reprodução da ordem social estabelecida).

É difícil ainda, porque o ato de ensinar a ler e escrever na escola tem finalidade puramente didática: a de possibilitar a transmissão de saberes e comportamentos culturais, ou seja, a de preservar a ordem preestabelecida, o que o distancia da função social que pressupõe ler para se comunicar com o mundo, para conhecer outras possibilidades e refletir sobre uma nova

perspectiva. É difícil também, porque a estruturação do ensino conforme um eixo temporal único, segundo uma progressão linear acumulativa e irreversível entra em contradição com a própria natureza da aprendizagem da leitura e da escrita que, como vimos, ocorre por meio de aproximações do sujeito com o objeto, provocando coordenações e reorganizações cognitivas que lhe permite atribuir um novo significado aos conteúdos aprendidos. E, finalmente, a necessidade da escola em controlar a aprendizagem da leitura faz com que se privilegie mais o aspecto ortográfico do que os interpretativos do ato de ler, e o sistema de avaliação, no qual cabe somente ao docente o direito e o poder de avaliar, não propicia ao aluno a oportunidade de autocorreção e reflexão sobre o seu trabalho escrito, e conseqüentemente, não contribui para a construção da sua autonomia intelectual.

(...) Para que haja uma transformação verdadeira do ensino da leitura e da escrita, a escola precisa favorecer a aprendizagem significativa, abandonando as atividades mecânicas, e sem sentido, que levam o aluno a compreender a escrita como uma atividade pura e unicamente escolar. Para isso, a escola necessita propiciar a formação de pessoas capazes de apreciar a literatura e de mergulhar em seu mundo de significados, formando escritores e não meros copistas, formando produtores de escrita conscientes de sua função e poder social.

Precisa, também, preparar as crianças para a interpretação e produção dos diversos tipos de texto existentes na sociedade, fazendo com que a escrita deixe de ser apenas um objeto de avaliação e passe a ser um objeto de ensino, capaz não apenas de reproduzir pensamentos alheios, mas de refletir sobre o seu próprio pensamento, enfim, promovendo a descoberta da escrita como instrumento de criação e não apenas de reprodução.

Para realmente transformar o ensino da leitura e da escrita na escola, é preciso, ainda, acabar com a discriminação que produz fracasso e abandono na escola, assegurando a todos o direito de 'se apropriar da leitura e da escrita como ferramentas essenciais de progresso cognoscitivo e de crescimento pessoal'. É possível a mudança na escola? Ensinar e ler e escrever faz parte do núcleo fundamental da instituição escolar, está nas suas raízes, constitui a sua missão alfabetizadora e sua função social, portanto, é a que mais apresenta resistência a mudanças.

#### *Reflexões sobre experiências do projeto E se eu fosse o autor?*

Em sua dissertação de mestrado, Leila Dias acompanhou durante um semestre letivo uma das turmas de crianças e adolescentes participantes do *Laboratório Criativo de Leitura e Tecnologia (Lab Criativo)*, realizado na Biblioteca Municipal Arlete Tenório de Castro, em Senador Canedo – GO.

A pesquisa revelou as motivações e características do comportamento de leitura durante seqüências didáticas e projetos de aprendizagens desenvolvidos pela ONG.

**Tabela 1 Expectativa das Crianças**

Leitura e Escrita	Aquisição de Competências	Apreciações Globais
Desenvolve melhor a escrita e a leitura	Ajuda futuramente (3)	Porque é legal e divertido (3)
Importante para criar histórias	A gente aprende muitas coisas (6)	Porque conhece pessoas novas
Importante para aprender a escrever textos	A gente fica mais inteligente	Porque os professores são legais
Melhorar na leitura e na escrita	É bom para estudar (2)	
	A gente tem novas experiências (2)	

Com base nas respostas, foi possível perceber que existia um consenso entre as crianças de que a leitura proporciona novas experiências, ajuda no desenvolvimento intelectual e, faz com que as pessoas fiquem mais “inteligentes”. Para eles, todas essas habilidades desenvolvidas são fatores determinantes para a transformação social de uma pessoa. Essa percepção vai de encontro com as discussões levantadas no primeiro capítulo deste trabalho, no que se refere ao culto ao livro e a leitura.

Existe entre eles uma consciência de que a leitura é fator importante para a transformação social. É possível verificar também a existência de uma auto-análise dos alunos em relação a suas deficiências, no que diz respeito a esta questão. Quase todos os alunos relataram que estavam participando do projeto porque sabiam que não liam e nem escreviam bem e precisavam melhorar estas habilidades. Temos aqui um depoimento que ilustra essa auto-análise:

[Participo do projeto] Porque eu gostei e porque eu tenho dificuldades na leitura e na escrita, morro de vontade de ler corretamente porque eu quero ler o crepúsculo. Eu adoro livros de vampiros, é massa e muito loco! Gosto de romance também e eu achei que aqui vocês vão me ajudar a desenvolver mais rápido. (aluna de 12 anos)

Existe neste depoimento a percepção, da própria aluna, da sua deficiência, assim como vontade de superá-la, para que seu desenvolvimento seja capaz de levá-la a realizar seus desejos. Aqui ela materializa o desejo de ler livros com histórias que ela gosta, mas é impedida de realizar esta leitura, porque está com problemas na compreensão de sua própria língua materna. Existe nesta criança uma pessoa com potencial para ser uma leitora, mas pode ser que ela não se torne, pois não tem habilidades básicas para evoluir em uma leitura mais complexa. E ela sabe disso.

Ainda em observação à tabela acima foi possível perceber que muitos dos alunos que responderam à provocação, viram no projeto a possibilidade de se divertirem, ao terem momentos para leitura, para inventar suas próprias histórias, além da possibilidade de fazerem novos amigos.

(...) A fim de perceber se houve mudanças nas perspectivas desses alunos, em relação ao desenvolvimento do projeto, outra avaliação foi feita com esse grupo de alunos, no último dia de encontro entre eles, quatro meses depois de estarem participando das atividades. Esta avaliação se deu através da seguinte pergunta: “Você gostou de participar do projeto e se eu fosse o autor? Por quê?”. Responderam a esta pergunta 14 alunos que estavam presentes naquele momento e citaram mais de um motivo, conforme podemos observar na tabela 02:

**Tabela 2 - Avaliação das Crianças**

Leitura e Escrita	Aquisição de competências	Aprendizagem Tecnológica	Relações Sociais
Superei dificuldades com a língua	Passei a gostar e de ler mais livros (2)	Aprendi a editar fotos	Professores legais e que incentivam (5)
Passei a ter mais ideias para produzir textos	Aprendi que quanto mais se lê mais se aprende	Aprendi a editar vídeos (2)	Gostei de fazer novos amigos (2)
Passei a ler e escrever melhor (2)	Leitura traz mais criatividade (2)	Aprendi a mexer no computador (4)	
Desenvolvi a leitura e a escrita			

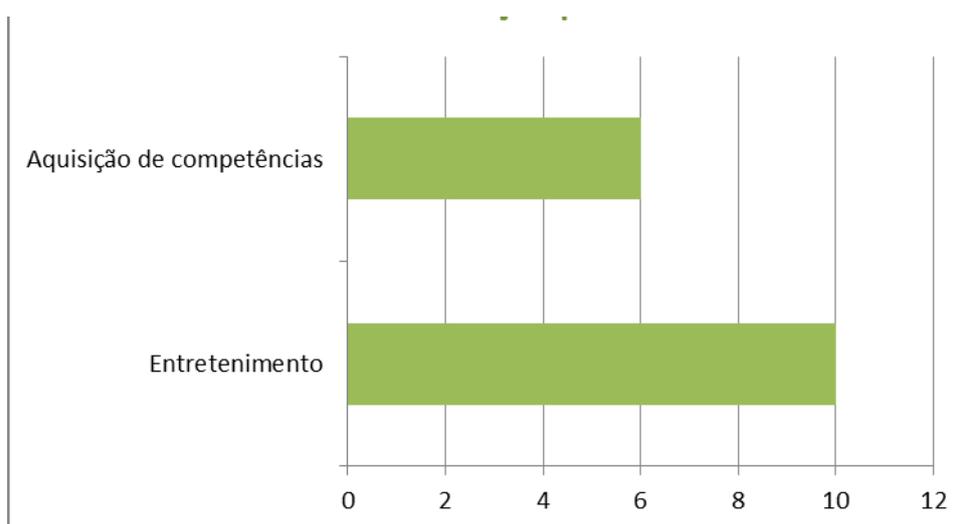
Fonte: Elaborado pelo autor, 2014

Podemos perceber que a preocupação com a língua portuguesa e com a leitura continuou sendo fator importante para eles e vimos surgir citações que incluem a aprendizagem tecnológica e uma valorização das relações sociais.

Ao longo do projeto parte dos alunos perceberam que tiveram uma melhora em relação na compreensão da língua portuguesa. Relataram que passaram a ler mais e que ler estimula a criatividade, pois estavam tendo mais facilidade para criarem histórias. Podemos conferir essa observação através do depoimento do Aluno Carlos Eduardo: “Depois que eu entrei nesse projeto “E se eu fosse o autor?” eu li muitos livros e aprendi que se você ler mais livros mais coisas você vai aprender”. Para a aluna Laura Maressa o projeto “Me ajudou a ter mais criatividade”. Foi possível para estes jovens, compreenderem as potencialidades da leitura no estímulo à criatividade e na aquisição de conhecimento.

Neste momento do projeto, no qual os alunos já tiveram contato com as tecnologias, a relação com as mídias aparece com frequência em suas respostas. Os alunos também gostaram de participar do projeto porque tiveram a oportunidade de “mexer mais no computador”, editar fotos e “montar” vídeos. Essas colocações evidenciam a vontade de estarem mais próximos de recursos digitais, aprender ações que proporcionam autonomia, pois quando editam suas fotos ou produzem seus vídeos estão contando a história com base na sua visão de mundo.

**Gráfico 1 - Motivação para leitura**



Fonte: Elaborado pelo autor, 2014

Ao aprofundarmos a análise sobre o grupo que teve suas motivações para a leitura relacionadas à aprendizagem e aquisição de competências, concluímos que a possibilidade, de “aprender algo novo” remete à condição de que o conteúdo encontrado nas páginas dos livros. As quais levam esses leitores a ter experiências que normalmente não teriam em sua vida cotidiana. Desta forma podemos compreender que a leitura e a escrita, também é vista pelos alunos como um ponto de partida, que pode conduzir para outro estado de consciência, assim como sugere Andruetto (2012, p. 16)

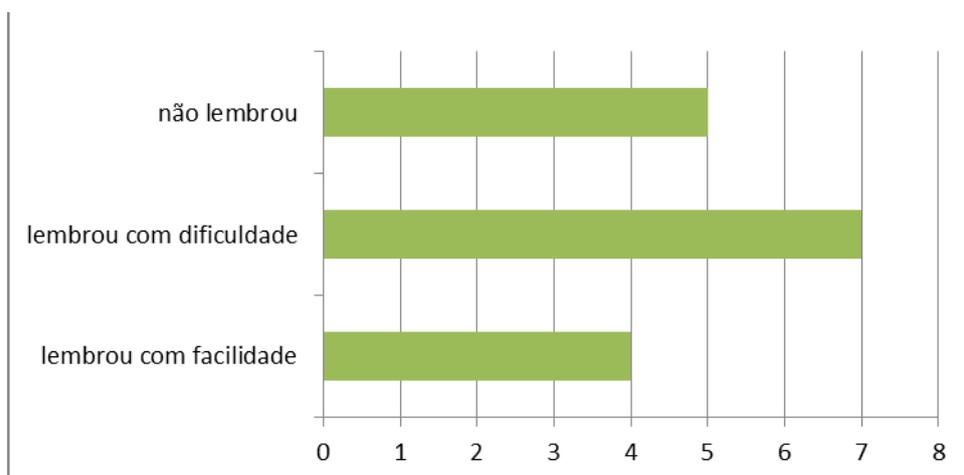
[quando se lê] Algo penetra no que está quieto e sua irrupção provoca adesões, resistências, tomadas de posição, tentativas de recuperar o perdido ou de adquirir algo novo, até que tudo se aquieta outra vez. Escrita, então, como movimento, como caminho para quem escreve e para quem lê. Caminho, migração de um lugar para outro.

Aproximando as observações realizadas dos momentos de mediação de leitura, dentro do projeto, com as respostas à primeira pergunta do questionário detalhado acima, fica perceptível que mais da metade dos alunos do projeto compreendem da leitura também como uma forma de transformação. Seja emocional, através da alteração de sentimentos, proporcionado pelo divertimento, ou por acrescentar informações novas a seu modo de pensar, ampliando seu conhecimento.

Na pergunta posterior: “Qual foi o último livro que leu inteiro?” os alunos ativeram-se às leituras literárias, porém muitos participantes apresentavam dificuldades em lembrar um título ou não se lembraram de um único título. Especificamente, nesta pergunta foram feitas anotação, pela pesquisadora, sobre a dificuldade ou facilidade que os alunos tiveram em se lembrar do último livro lido. De acordo com o gráfico a seguir podemos perceber ainda que esta turma não lê, com muita frequência, livros literários, pois 75% dos participantes não lembraram ou lembraram com dificuldade do último livro lido.

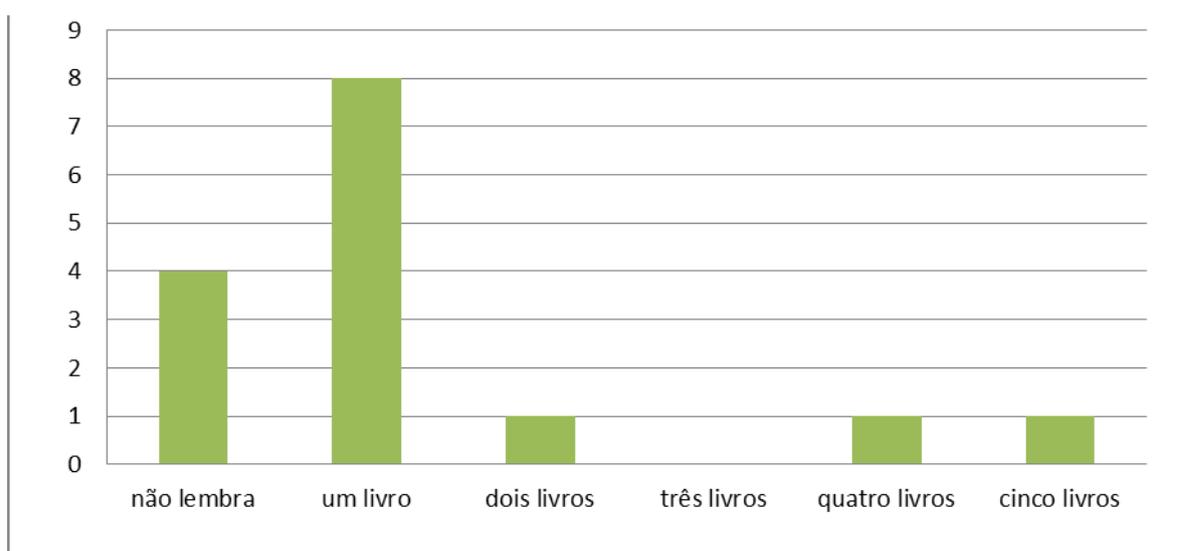
Essa pergunta foi sucedida por um espaço, no qual os alunos assinalaram o número de livros lidos por inteiro nos últimos três meses e, quando capazes, inseriam os nomes das obras contabilizadas. Com o objetivo de identificar possíveis transformações no hábito de leitura dos participantes, o mesmo questionamento foi realizado, em forma de questionário ao final do ciclo semestral do Laboratório Criativo de Literatura e Tecnologia.

**Gráfico 2 - Facilidade com que os alunos se lembram do último livro lido**



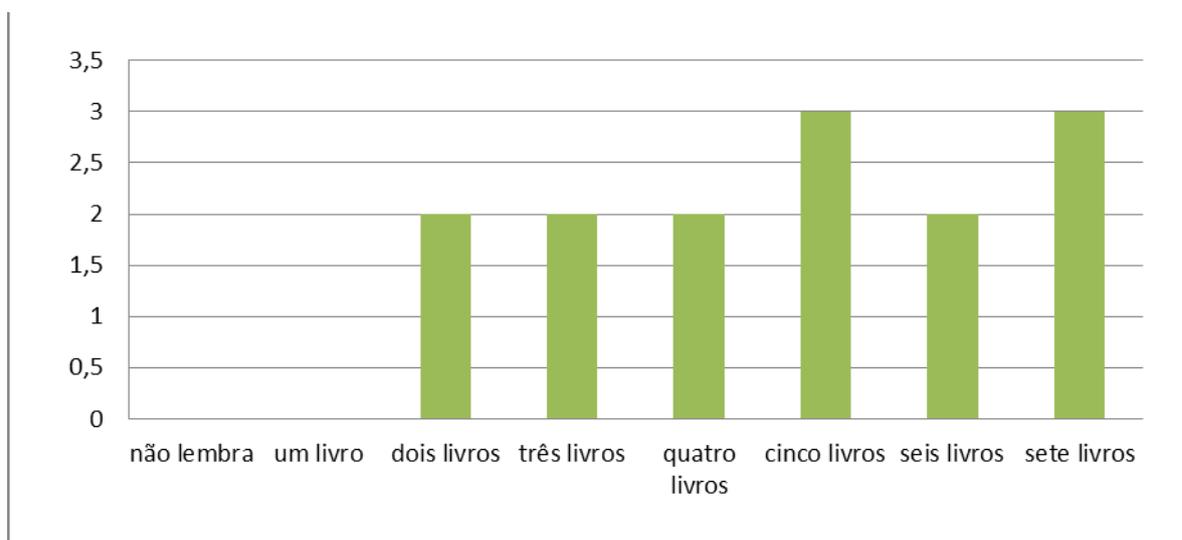
Fonte: Elaborado pelo autor, 2014

**Gráfico 3 - Quantidade de títulos lembrados (1ª aplicação - 02/2014)**



Fonte: Elaborado pelo autor, 2014

**Gráfico 4 - Quantidade de títulos lembrados (2ª aplicação - 05/2014)**



Fonte: Elaborado pelo autor, 2014

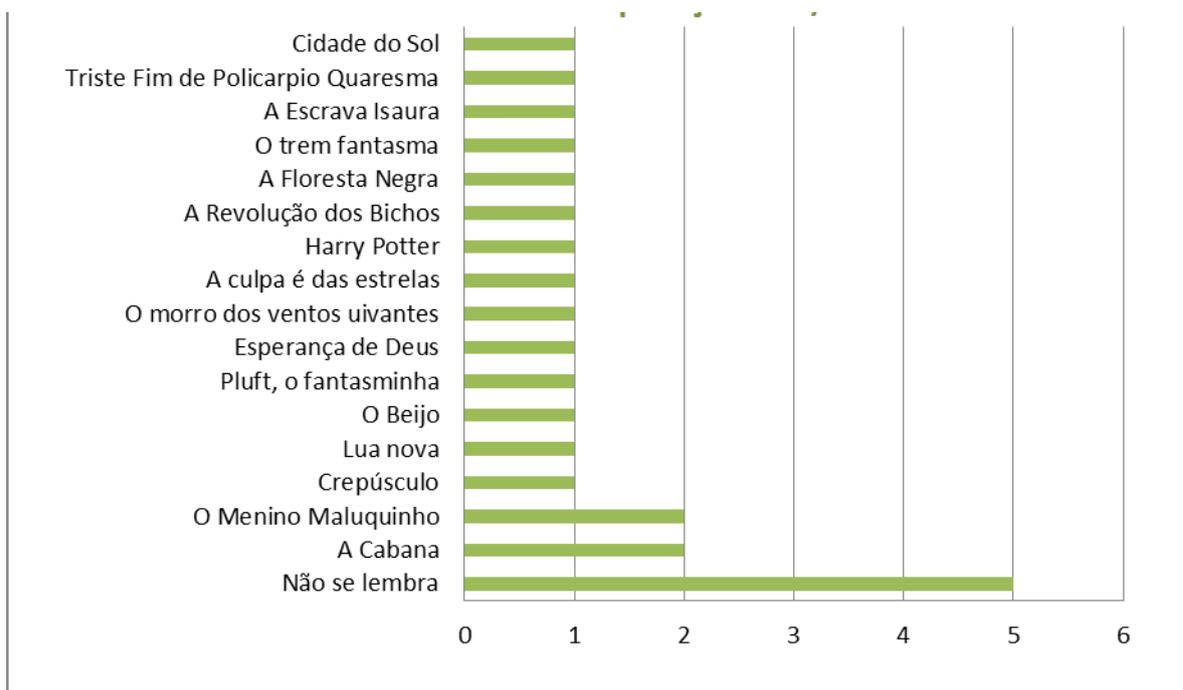
No gráfico com o resultado da primeira aplicação da pergunta, podemos ver a média de livros lidos ou lembrados pelos alunos nos últimos meses. A maioria lembrou-se apenas de um livro, seguido pelos que não se lembraram de nenhum título. Poucos se lembraram de mais de dois títulos e apenas um aluno conseguiu se lembrar de 05 títulos de livros que tinha lido.

No gráfico 5 podemos perceber uma grande diferença. A principal é, certamente, a quantidade de livros que os alunos citaram. Na primeira aplicação a maior recorrência de livros citados era apenas de 01 livro, mas na segunda aplicação podemos observar que não tivemos nenhum aluno que se lembrou de apenas de um livro. Outra resposta recorrente na primeira avaliação foi “não lembro”, na segunda aplicação esta resposta também foi inexistente. Todos os alunos lembraram-se dos livros que tinham lido recentemente e a maioria, desta vez, conseguiu citar de 05 a 07 livros lidos nos últimos meses.

Esses números surpreenderam até mesmo a coordenação do projeto “E se eu fosse o autor?”, porque apenas dois livros foram trabalhados coletivamente durante a atividade do projeto. Os outros livros lidos pelos alunos foram retirados da pequena biblioteca que o projeto mantém. Vale ressaltar que essa pequena biblioteca foi constituída por indicações de leitura dos próprios alunos. Desta forma, nos parece que abrir espaço, para que as crianças indiquem o que gostariam de ler é mais eficiente no estímulo a leitura do que impor os livros a serem lidos, sem levar em consideração os gostos pessoais e as diferenças sociais e de aprendizagem existentes entre as pessoas.

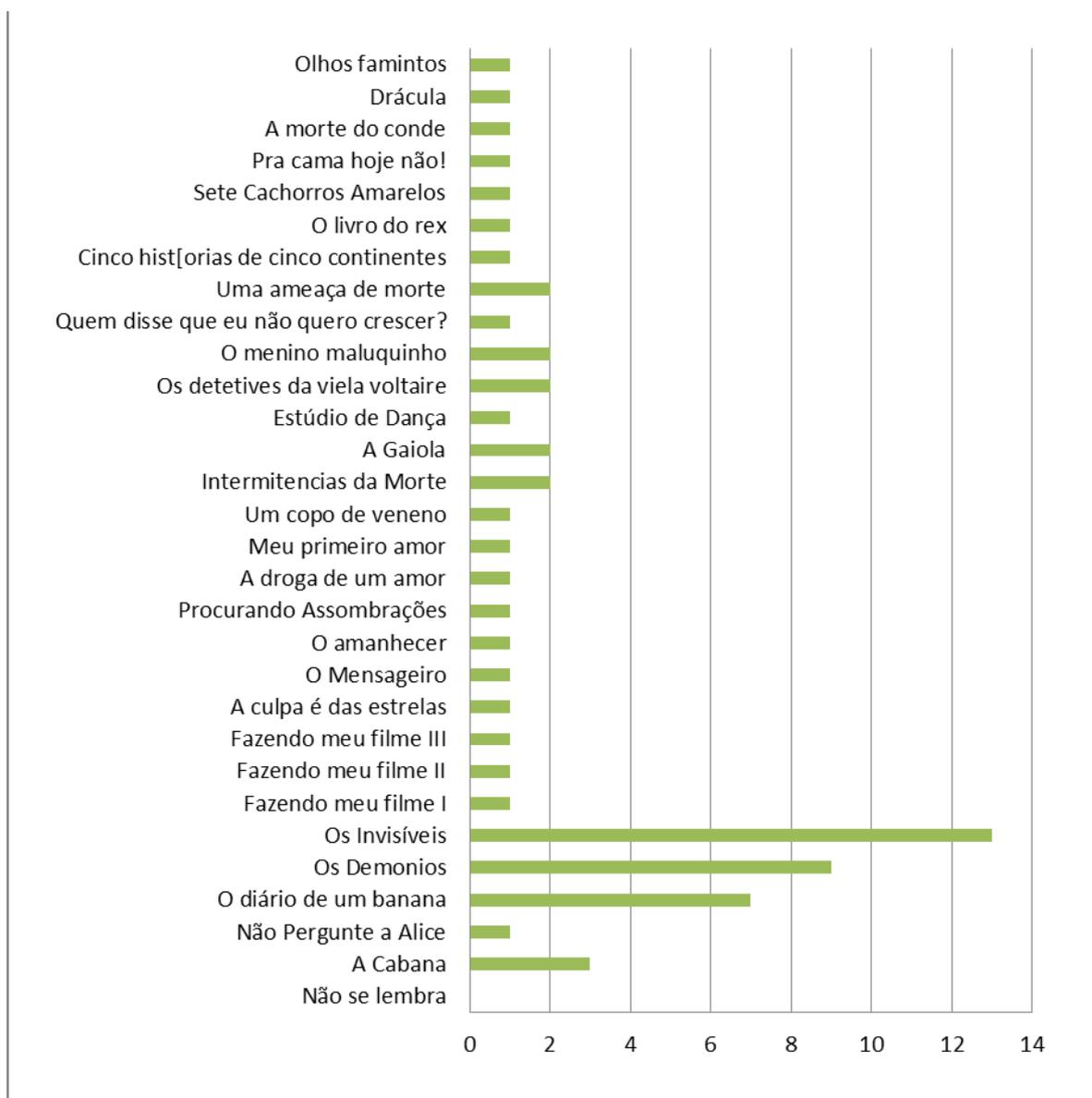
Com base nas indicações de leitura apresentada pelas crianças podemos observar quais foram os livros citados na primeira aplicação da pergunta e os citados na segunda vez.

**Gráfico 5 - Título dos livros citados (1ª aplicação - 02/2014)**



Fonte: Elaborado pelo autor, 2014

**Gráfico 6 - Títulos dos livros citados (2ª aplicação - 05/2014)**



Fonte: Elaborado pelo autor, 2014

Houve um aumento expressivo nos títulos citados na segunda aplicação, em relação a primeira. Durante a atividades do projeto foram trabalhados apenas dois livros, os que foram citados por todos os alunos, Demônios e Os Invisíveis. Os outros foram citações de leituras espontâneas.

Durante a observação e análise dos títulos citados nos chamou a atenção o fato de muitos livros serem densos, com quantidade superior a duzentas páginas. “Diário de um banana” foi o título mais citado pelos alunos e possui 217 páginas. A história tem como personagem principal um adolescente comum que sonha em ser popular, mas suas atitudes acabam por coloca-lo em

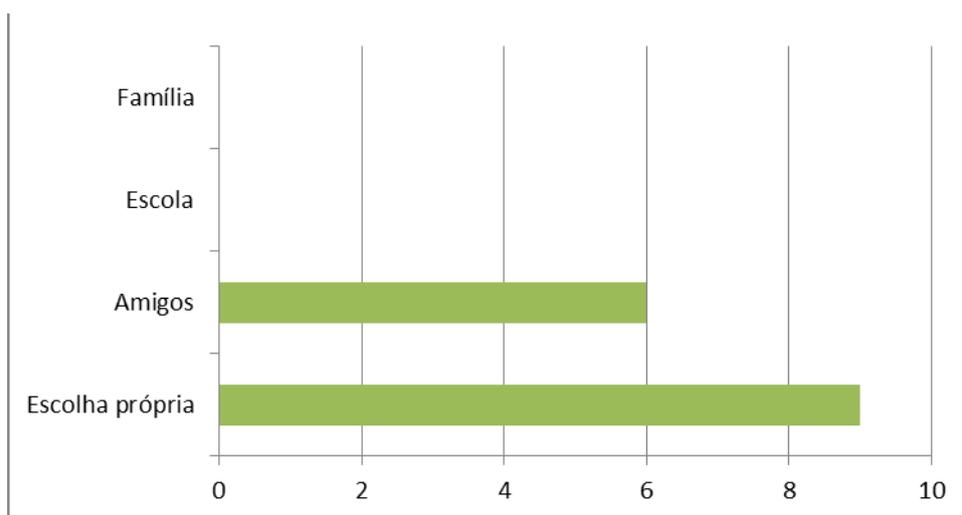
situações engraçadas. O livro é um dos mais vendidos em países como Estados Unidos e Brasil e seu grande sucesso de vendas acabou lhe rendendo uma versão cinematográfica que também foi sucesso de bilheteria

O segundo livro mais citado, “A Cabana”, tem 240 páginas. A história trás um mistura de drama e religião. O personagem principal é um pai que tem uma de suas filhas sequestradas e dada como morta pela policia. No decorrer da história ele é convidado misteriosamente a retornar a cabana onde o crime aconteceu e lá tem um encontro com Deus e o livro passa a ser um dialogo entre os dois. Este livro também foi sucesso de venda e permaneceu na lista dos mais vendidos em 2009.

Essa leitura, de livros com grande quantidade de páginas, nos faz pensar nas declarações de professores que participaram da apresentação do projeto, onde foi unanime a colocação “esses meninos de hoje tem muita preguiça de ler”. Mas será que essa preguiça coletiva que domina esses meninos não pode ser combatida com uma política pedagógica de incentivo a leitura, diferente da atualmente utilizada pelas escolas? Talvez não colocar o aluno como único culpado do pouco interesse pela leitura seja um caminho.

A quarta questão apresentada aos alunos buscava compreender quem são os influenciadores de leitura deste grupo e tinha a seguinte pergunta: “As leituras acima foram feitas em sua maioria por quais motivos?”. A resposta apresentava múltipla escolha e tinha as seguintes opções 1) Escola; 2) Amigos; 3) Família e 4) Escolha própria. Como vemos no gráfico 6, o item “escolha própria” foi o mais selecionado.

**Gráfico 7 - Indicação de Leitura**



Fonte: Elaborado pelo autor, 2014

Esta escolha reflete que a vontade dos leitores, em ler livros de literatura está relacionada com seu poder de escolha, com sua autonomia e pela valorização do seu gosto pessoal. Na segunda colocação vemos que os amigos aparecem como fator de importância no incentivo a leitura. Os alunos que responderam ao questionário explicaram que a maioria das vezes lê um livro, porque um amigo leu e disse que era “legal”. Esta atitude, por parte das crianças, pode servir para a escola, como um sinalizador. Valorizar esta relação, incentivando grupos de leituras e momentos de leitura colaborativa pode ser uma direção para o aumento do índice de leitura entre os estudantes.

Em uma pergunta similar a deste estudo de caso, encontrada na pesquisa nacional Retratos da Leitura no Brasil (AMORIM, 2008; FAILLA, 2011), aparece como principal influenciador da leitura para os entrevistados o professor, e desta forma o ambiente escolar é identificado como um forte influenciador. Já para o grupo de alunos do “E se eu fosse o autor?” a escola não foi citada por nenhum aluno como indicadora de suas leituras.

Talvez isto se justifique pelo recorte dado neste estudo, que buscou uma relação mais íntima com a leitura de livros literários, enquanto que na pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (AMORIM, 2008; FAILLA, 2011), a compreensão de leitura era mais ampliada, contemplando livros didáticos e religiosos.

Sendo a escola, como aponta Maria Helena Martins (2006), o local onde temos nossas maiores oportunidades de contato com os livros é de se estranhar a falta de indicações a ela por parte destes jovens. A escola tem papel fundamental no que se diz respeito ao estímulo à leitura, mas se aos olhos dos alunos ela não é vista como tal talvez seja importante uma reflexão sobre e a forma com que vem trabalhando essa questão entre seus alunos.

E, por fim, nenhum aluno citou a família. Na pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (AMORIM, 2008; FAILLA, 2011) a mãe aparece como a segunda maior influenciadora da leitura entre as pessoas. Esse grau de influencia chega bem perto da do professor, mas entre o grupo de alunos entrevistados nenhum mencionou a família. Sendo assim, estes jovens não se sentem estimulados a ler nem pela escola e nem pela família. Com isso, é possível que essas crianças não despertem seu gosto pela leitura e sigam sendo pessoas não leitoras pelo longo de sua vida. Assim como a escola, a família tem grande importância na formação dos pequenos leitores, pois pode incentivar seus filhos antes mesmo deles chegarem à escola.

A participação da família no incentivo a leitura das crianças é fundamental, mas esse incentivo só pode ocorrer se os pais forem pessoas leitoras. Os pais só poderão ler para seus filhos se dominarem a leitura e a escrita e lerão com mais frequência, principalmente se gostarem de ler. Pelo resultado verificado no gráfico 8 esta não parece ser a realidade dos familiares dos alunos envolvidos no projeto.

Podemos lançar um olhar sobre esta realidade a partir de uma constatação apresentada pela pesquisa Retratos da Leitura no Brasil: as classes sociais menos favorecidas são as que leem menos.

Assim como nas edições anteriores, a pesquisa confirma as principais correlações com a leitura: escolaridade, classe social e ambiente familiar. Quanto mais escolarizado ou mais rico é o entrevistado, maior é a penetração da leitura e a média de livros lidos nos últimos 03 meses. (FAILLA, 2011, p. 144)

É importante olharmos com atenção para este fato, já que o projeto “E se eu fosse o autor?” trabalha com escolas públicas e alunos de classes sociais menos favorecidas. Crianças com média de 12 anos são responsáveis por cuidar da casa e dos irmãos para que a mãe possa ir trabalhar. Outros moram com avós porque a mãe não tem condições financeiras de sustenta-los ou porque o pai tem problemas com alcoolismo.

Essa realidade pôde ser verificada através da aplicação de uma única pergunta, feita aos alunos do projeto: “Quem sou eu?”. Com base nas respostas foi possível conhecer um pouco mais da história desses alunos. Dentre as 16 respostas colhidas, selecionamos duas, por acreditar que as mesmas exemplificam e facilitam a nossa compreensão sobre a realidade social vivenciada por estas crianças. Segue abaixo a transcrição fiel do texto dos dois alunos, preservando seu anonimato.

Eu sou uma menina que gosta muito de brincar. Não gosto de ver ninguém triste quando esta comigo, gosto de ver todos felizes. Sou Esperta, mais só quando eu quero. Sofro muito por causa do meu pai porque ele meche com drogas. Isso dói mais sou muito de boa. Nem por isso deixo de ser feliz (Aluna de 11 anos).

Bom, tenho 12 anos e tenho uma vida louca! Sou sonoplasta numa igreja e minha mãe é viúva tem 07 anos e estamos na casa do meu avô. (Aluno de 12 anos)

As crianças entrevistadas não relacionaram a família com a ação da leitura e, pelos seus depoimentos vemos que suas condições sociais não são situações que valorizam as vivências literária, pois as preocupações são mais básicas, como ajudar a mãe e o pai na criação de irmãos e na arrumação da casa, por exemplo. O espaço para a leitura, nestes casos, é secundário. Mas consideramos que a realidade social do indivíduo não pode ser considerada a única condição para ser ou não um leitor efetivo, estando este fato relacionado com muitos outros fatores.

Finalizando, a análise das informações coletadas, por meio dos questionários aos participantes do projeto, foi inserida na primeira aplicação uma série de perguntas com o objetivo de conhecer a relação dos alunos participantes com alguns instrumentos digitais que dão suporte a leitura, como o leitor digital, tablete e o próprio telefone celular. Conhecer um pouco mais sobre esta relação se mostrou pertinente pelo fato de que a cultura digital, com seus comportamentos e meios (equipamentos), constitui-se como fio condutor para o processo de formação de leitores pelo projeto investigado.